

VIOLÊNCIA E RITOS NÓRDICOS NO CINEMA

VIOLENCE AND NORDIC RITES IN CINEMA



EGGERS, Robert (dir.). *The Northman*. Produção de Official Focus Features. Estados Unidos; Islândia: Universal Pictures, 2022. 2h 17min.

Monicy Araujo Silva¹

Sendo uma das grandes produções dos últimos anos, o filme **The Northman (2022)**, trouxe algumas discussões seja da crítica especializada, seja dos amantes do cinema e seja dos fãs de filmes com temática nórdica. O filme dirigido por Robert Eggers gira em torno do personagem Amleth (Alexander Skarsgård), que busca vingança contra seu tio pela morte de seu pai o rei Horwendil (Ethan Hawke). A sua trama é baseada na estória de Amleto

¹Doutoranda em Ciências das Religiões pela UFPB, bolsista CAPES e integrante do NEVE. Email: monicyashi2011.1@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2602-2921>

(Amleth), popularizada no século XI com o livro *Gesta Danorum* (Saxo Gramático), porém algumas alterações foram empreendidas para a produção cinematográfica.

O filme foi bem recebido pela crítica especializada, porém sua bilheteria foi considerada ruim apesar da boa recepção, angariando U\$ 68,9 milhões de dólares para uma produção que girou em torno de U\$ 70-90 milhões de dólares. De forma geral, o filme teve boas críticas quanto à fotografia, direção, atuação e figurino. As impressões em geral dos espectadores variaram entre decepção e os que adoraram a produção. Dentre os principais pontos de decepção de uma parte do público está uma “ausência” de lutas mais sangrentas (ainda que o filme jorre sangue o bastante) o que de certa forma é esperado em filmes com temática nórdica. Neste ponto acreditamos que o público brasileiro esteja mais acostumado à forma como os nórdicos são retratados na série *Vikings*, logo espelhando essa representação para o filme. E ainda aqueles que se decepcionaram o final com a morte do personagem Amleth (ainda que ele tenha sido levado para o Valhalla pela Valkyrja). Dentre os que gostaram da produção, estão pesquisadores acadêmicos do tema que apreciam a produção por estar muito próximo das fontes históricas do que dos estereótipos que permeiam parte das produções com a temática.

De certa maneira, o filme se preocupou bastante com os detalhes das indumentárias, dos armamentos e dos objetos utilizados nos rituais, ainda que com alguns estereótipos, como imagens que sempre são associadas aos vikings sejam retiradas, como por exemplo, a navegação do barco com os escudos na amurada. Neste breve trabalho destacaremos alguns pontos do filme, como a questão bélica e outros aspectos religiosos. Na questão bélica podemos observar a preparação feita para a guerra, o banquete e a divisão da pilhagem (visto logo no início do filme) e uma cena bem interessante, que analisaremos abaixo, que é o ritual de preparação dos Berserkir e nesta cena há uma mistura com os Úlfhednar. Os elmos utilizados no filme são bem semelhantes aos que eram utilizados durante a Era Viking, que eram elmos com proteção nasal e côncavo, fugindo do estereótipo dos elmos com chifres. Outro ponto a se destacar é o uso de arcos e flechas que em certa medida são apenas retratados em cenas onde há um funeral com o intuito de queimar o barco, e não num contexto de batalha efetiva, e é importante ressaltar que, apesar de marginalizados, tiveram bastante uso e

importância nas batalhas por ser um armamento estratégico nas formações de batalha e serem muito usados nas batalhas marítimas.

Ainda na questão bélica do filme, uma cena nos chamou bastante atenção, sendo ela a da preparação para o ataque da vila. Ao contrário de serem impetuosos e intempestivos, como sempre são representados, eles se preparam para o ataque e observam, analisam a conformação da fila e suas possíveis resistências. Na cena o ataque acontece ao amanhecer e é um assalto rápido e violento. Pilhando tudo o que é valioso e queimando as casas. Ainda nesta cena há um assunto polêmico quando se trata de vikings, o estupro (29 min. 33s.). Na cena não é mostrado o ato, porém ficasse subentendido que irá ocorrer. Sobre este assunto, Langer (2017) nos atenta para que o estupro é uma das mais populares imagens associadas aos vikings, seja na arte, mídia ou ficção contemporânea, porém essa é uma representação equivocada, pois as documentações evidenciam pilhagens, ataques, assassinatos, queimas, extorsões e capturas de prisioneiros, mas não contém qualquer tipo de informações sobre estupros. Além disso, na Escandinávia, os estupros eram severamente punidos.

Ainda nessa cena, há um ritual de preparação dos guerreiros. Nela há uma mistura dos Úlfhednar e os Berserkir, onde podemos ver as duas peles. Na cena os guerreiros estão ao redor de uma fogueira com uma figura com um elmo com chifres com corvos na ponta. Esta figura os incita para o combate e clama por Óðinn. O ritual busca incitar o furor desses guerreiros descrito nas fontes, porém não sabemos como o ritual era efetivamente feito, então Eggers pode ter se inspirado em filmes e documentos sobre guerreiros indígenas norte-americanos em rituais para a guerra. O ritual está atrelado ao culto do deus Óðinn em relação àqueles que eram seus homens escolhidos, que se juntariam a ele em Valhalla, como uma espécie de ritual de iniciação. Esse ritual segundo Schjødt (2007) era um ritual que provavelmente incluiu uma ampla gama de diferentes atos. Muitos desses atos estão ausentes em nossas fontes primárias, mas pelo menos dois rituais devem ter estado lá, a saber, a morte ritual simbolizada pela morte com uma lança e a aquisição de conhecimento numinoso. Também é provável que uma luta simbólica com um urso (provavelmente na forma de um berserkr) tenha sido um elemento do ritual. Um aspecto que está relacionado a essa preparação dos guerreiros e que é mostrado mais a frente no filme, é o uso alucinógenos. O uso desses

alucinógenos em rituais nórdicos ainda é um assunto muito polêmico e não há um consenso entre os pesquisadores, porém o filme faz referência ao uso do cogumelo *Amanita muscaria* que associado aos transe nórdicos desde os anos 1960 e principalmente ao ritual de iniciação dos Berserkir.



Figura 1: Amleth com a pele de lobo

Ainda nessa cena de preparação, um dos principais atributos ligados ao culto de Óðinn, a lança, aparece nas mãos da figura do ancião, cego, que pode ser uma imitação do deus. Na continuação da cena Amleth joga uma lança em direção ao local do ataque. De acordo com a *Ynglinga Saga*, o costume de lançar uma lança sobre o exército inimigo no início de uma batalha pedindo por vitória, está ligado ao culto do deus. Segundo Davidson (1969), o símbolo de uma lança para um deus de batalha pode ser muito antigo e possivelmente estava ligado ao deus Týr antes de passar a ser atributo de Óðinn. A lança Gungnir poderia determinar a vitória pela direção que tomou sobre o campo de batalha.



Figura 2: Amleth jogando a lança antes do ataque

O filme toca ainda em alguns outros pontos interessantes, que são vistos nas sagas como, por exemplo, uma espada designada para o personagem central que só pode ser empunhada, usada por ele. Dentre essas sagas míticas, podemos citar a *Saga dos Volsungos*, que foi traduzida para o português em 2009, sendo de maior difusão e também está presente no filme *O Hobbit: a desolação de Smaug* de 2013. No filme, o personagem Amleth tem uma espada designada para ele e que só poderia ser empunhada à noite e que com ela, ele busca sua vingança. Entre os nórdicos as espadas eram bens bastante preciosos e iam além do caráter bélico. Foram intimamente associadas com muito mais do que a guerra, foram associadas à justiça, soberania e poder. Elas definiam o valor de um homem, tanto em nível individual quanto a nível coletivo, algumas eram passadas de geração a geração e outras cremadas junto ao guerreiro por acreditar que todos os objetos queimados na pira com seus donos seguiam com eles até Valhala, a importância disso para um guerreiro que morria em batalha se dava ao fato de que ele teria com o que lutar ao lado de Óðinn no Ragnarök.

Os guerreiros mantinham com elas uma relação que era de extrema confiança e até respeito, já que toda a confiança de defesa nas batalhas advinha de seus armamentos, principalmente porque para os povos germânicos a batalha era uma questão individual. Daí algumas espadas terem um nome (muitos nomes vão ser preservados em sagas e poemas) e até mesmo uma personalidade, criando uma relação com o seu dono chegando mesmo a ser consideradas como uma extensão do próprio guerreiro (Silva, 2017). Vão possuir vários significados, costumes e seus donos terão um relacionamento íntimo e até mesmo emocional com elas. O filme mostra diversos pontos das religiões nórdicas como, por exemplo, a diferença entre os cultos dos deuses, tendo em vista que a religião não era uniforme em toda a Escandinávia, o filme demonstra esse aspecto, ao trazer o culto do deus Freyr na vila do tio de Amleth, onde este é escravo. Neste ponto, o filme acaba fugindo, em certa maneira, da linha feita pela maior parte das produções cinematográficas com a temática nórdica, onde os deuses Óðinn e Thor são bastante representados no que diz respeito ao culto. Outro ponto relacionado ao aspecto religioso que merece destaque neste trabalho é o uso da cabeça mumificada para

consulta feita pelo feiticeiro na cena onde Amleth descobre sobre seu destino e sobre a espada que é designada a ele para cumprir sua vingança.



Figura 3: feiticeiro com uma cabeça mumificada

Na literatura nórdica homens eram frequentemente decapitados em batalha ou em um ato de vingança após serem feitos prisioneiros. O culto ou a preservação de cabeças humanas e crânios não foi observado somente entre os germânicos, entre os celtas, as cabeças dos inimigos de grande valor eram conservadas em azeites e trazidas em carros de guerra. Para eles simbolizava força e o valor do oponente que passava pra quem a possuísse (Silva, 2017). Muitas menções são feitas num contexto de guerra, vingança ou busca de conhecimento, em algumas, as cabeças falam com seus portadores ou no campo de batalha, causando amedrontamento. Em uma profecia na *Njáls Saga*, um ser sobrenatural evoca a imagens de várias cabeças cortadas no campo de batalha: "cabeças em abundância serão vistas na terra...". Em outra ocasião, uma cabeça cortada pronuncia um verso. Algumas cabeças cortadas foram usadas como meio de adquirir conhecimento. Esse fato vem de uma tradição antiga de Óðinn que teria consultado a cabeça de Mimir que, segundo a *Ynglinga Saga*, teria sido decapitada pelo Vanir após ser feito de prisioneiro. A cabeça, após, cortada foi enviada de volta a Óðinn que a conservou com ervas e com magia fez com que ela falasse e lhe contasse sobre questões ocultas. O poder de uma cabeça cortada e sua capacidade de falar após a separação do corpo foi observado tanto na cultura germânica quanto na céltica.

A importância desse uso da cabeça como busca de inteligência, juntamente com seu uso como um troféu de batalha, trazendo a sorte e aumentando a reputação de seu possuidor é percebida nas primeiras tradições ligadas a guerreiros e a batalhas entre os celtas e os germânicos; e ainda essa concepção da cabeça como detentora de conhecimento e uso em campos de batalha como forma de amedrontamento e troféus foi preservada na arte (há muitas cabeças esculpidas e rostos semelhantes a máscaras como uma força aterrorizante), nas sagas e nas lendas (Silva, 2017).

De maneira geral, o novo filme de Robert Eggers se propõe a uma abordagem diferente das últimas produções cinematográficas produzidas nos últimos anos que abordam os Vikings, desde a abordagem da religião, o aspecto bélico e ter como fio condutor da trama, uma vingança, saindo de uma linha apenas sangrenta e marcial que é observada na maioria das produções com temática nórdica. Como Langer (2022) explicitou, o filme de Robert Eggers com certeza será extremamente paradigmático na filmografia sobre os Vikings, tendo em vista que grande maioria das produções, tanto de filmes europeus quanto norte-americanos, quase sempre representou a antiga religiosidade nórdica como *exótica e macabra*, dentro de um *referencial cristocêntrico* (Langer, 2015). E ainda em última análise, como especialista na área, Langer (2022) nos atenta para o fato de o filme buscar expor as crenças e os ritos de uma forma extremamente crível, fugindo de estereótipos e informações equivocadas, nos dando uma fantástica obra artística, que ainda que não tenha uma verossimilhança histórica perfeita, contém informações muito próximas das fontes históricas e literárias. Nesse sentido, esta produção se mostra muito mais preocupada com um referencial histórico, porém ainda se preocupa com as questões estéticas e comerciais que se esperam de uma produção cinematográfica, assim percebemos que o filme buscou de certa maneira retratar diversos aspectos que estão presentes nas fontes.

Fontes Primárias

ANÔNIMO. *A saga dos Volsungos*. Tradução de Theo de Borba Moosburger. São Paulo: Hedra, 2009.

GRAMÁTICO, Saxo. *Historia Danesa*. Tradução: Santiago Ibáñez Lluch. Madrid: Miraguano Ediciones, 2013.

STURLUSON, Snorri. *La Saga de los Ynglingos*. Tradução, introdução e notas de Santiago Ibáñez Lluch. Colección Gorgona, ediciones Tilde. Valencia 1997.

Bibliografia secundária:

DAVIDSON, Hilda R. Ellis. *Scandinavian Mythology*. The Hamlyn Publishing Group Limited. New York, Sydney, Toronto. 1969.

LANGER, Johnni. Estupro. In. *Dicionário de História e Cultura da Era Viking*. Editora Hedra, 2017, pp. 240-244.

LANGER, Johnni. Fé, exotismo e macabro: algumas considerações sobre a religião nórdica antiga no cinema. *Ciências da Religião*, Mackenzie Online, vol. 13, 2015, pp. 155-180. Disponível em: <https://www.academia.edu/28683638>

LANGER, Johnni. Os rituais do filme “O homem do Norte”. <https://neve2012.blogspot.com/2022/05/os-rituais-do-filme-o-homem-do-norte.html>. Acesso em 28/07/2022.

SCHJØDT, Jens Peter. Óðinn, Warriors, and Death. In *Learning and Understanding in the Old Norse World: Essays in Honour of Margaret Clunies Ross*, edited by Judy Quinn, Kate Heslop, and Tarrin Wills, 18:137–51. Brepols, 2007.

SILVA, Monicy Araujo. Guerra e Simbolismo. In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de História e Cultura da Era Viking*. São Paulo: Hedra, 2017, p. 333-338.

SILVA, Monicy Araujo. Cabeças vão rolar: Seu simbolismo e a relação com a guerra no mundo nórdico. In: *Notícias Asgardianas*. Dossiê: Sagas e Eddas, Número 12 (Série nova), 2017.